

# Max Weber e o “espírito” do empreendedorismo brasileiro

Bezamat de Souza Neto<sup>1</sup>

## Resumo

*O presente trabalho busca contribuir para uma reflexão ao entorno de um certo “espírito do empreendedorismo brasileiro” a partir de algumas concepções weberianas que podem ajudar na elucidação de contrastes no que se refere à esfera religiosa e o contexto mais amplo. E assim, pretende-se relativizar nossas especificidades e articular nossas diferenças. E tal perspectiva, baseada em compromissos com a interdisciplinaridade como opção epistemológica, transborda as fronteiras limitadas do econômico e do comportamental que podem acompanhar o debate sobre a possibilidade de afirmação identitária de um Empreendedorismo genuinamente brasileiro, organicamente comprometido com o desenvolvimento includente, que gera e distribui renda, conhecimento e poder.*

**Palavras-chave:** *Ethos*, Empreendedorismo; Esfera religiosa; Cultura empreendedora, Empreendedorismo à brasileira.

## Abstract

*This paper aims at contributing to a reflexion to a certain “Brazilian entrepreneurship spirit”, taking as point of departure weberian conceptions that can help elucidating the contrasts among religious sphere and the broader involving context. This way, an attempt to relativise Brazilian specificities and to articulate differences will be carried out. And this perspective, based on an epistemological option which considers interdisciplinarity commitments, transcends limited economical and behavioral frontiers that follow the debate on identity affirmation possibilities of a genuine brasilian entrepreneurship, organically committed to including development that generates and distributes income, knowledge and power.*

**Keywords:** *Ethos*; Entrepreneurship; Religious sphere; Entrepreneurial culture; Entrepreneurship in the Brazilian way.

## 1 INTRODUÇÃO

Conforme David Landes (2002: 39), “Max Weber tinha razão. Se a história do desenvolvimento econômico nos ensina alguma coisa é que quase toda a diferença está na cultura.” Uma vez que empreendedorismo se trata de um fenômeno cultural (DOLABELA, 2003), sua ancoragem epistemológica deverá – ou deveria – ser a cultura brasileira na medida em que as ações empreendedoras ocorrem com

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto III do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis da Universidade Federal de São João del Rei – DECAC/UFSJ Doutor em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ) - bezamat@ufsj.edu.br.

implicação dos cidadãos no quadro de seu território local, pois estes não reagem de maneira idêntica em todos os lugares (SOUZA NETO, 2003; 2008) – suas racionalidades se constroem socialmente “*in situ*” (ZAOUAL, 2003; 2006). E essas racionalidades “situadas” são diversas, compósitas, flexíveis, complexas e abertas.

## 2 O PROBLEMA

Max Weber (1864-1920) ao escrever “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” – “*um dos ensaios mais provocantes e influentes até hoje escritos*” (LANDES, 2002: 49) – não fazia uma apologia dos povos sob a esfera religiosa protestante, nem preconizava um “*mero bom senso comercial*” daqueles. Ele se interessava – e “*esta é a essência do problema*” – em “*uma ética peculiar*”, através da conformação de um *ethos*<sup>i</sup> que deu vida ao tal *espírito do capitalismo moderno* (WEBER, 1989: 31).

Toda sua obra foi marcada, apesar da multiplicidade de interesses, por uma questão fundamental: a tentativa de estabelecer a especificidade do racionalismo ocidental. E, para ele, no caso do racionalismo ocidental, esse quadro de referência é o princípio da dominação do mundo, quando todas as dimensões do pensamento e da ação humana vão obedecer ao critério da instrumentalidade (SOUZA NETO, 2003; 2008).

Ao agir, em sua busca, de forma comparativa e notadamente a partir das esferas religiosas, para Weber (1988), é o protestantismo ascético que atualiza e radicaliza uma forma de consciência, nas suas dimensões cognitiva e moral, no contexto do racionalismo ocidental. Essa atualização se refere ao princípio do controle racional do mundo à medida em que este é “desencantado”. E *a ética protestante e o espírito do capitalismo* reflete, de forma precisa, o esforço de percepção da gênese dessa revolução de consciência, a qual equivaleria à maior transformação da história humana e desencadeadora de todas as grandes conquistas do Ocidente.

Muitos de nossos pensadores, da mais alta importância, dedicados a interpretar o Brasil na sua especificidade, foram influenciados por Max Weber como fonte inspiradora para a própria auto-compreensão do Brasil (SOUZA NETO *et al.* 2004). E ele foi convocado *predominantemente* para explicar o atraso da sociedade brasileira e, nesse sentido, para ajudar a identificar os obstáculos que nos impediram de ser modernos; mesmo embora Weber trate do racionalismo e os conceitos de racionalidade e racionalização em um contexto de neutralidade valorativa. O que significa para ele que, em princípio, não existe um racionalismo superior a outros e, portanto, nenhuma cultura pode constituir-se como modelo absoluto para todas as outras. E como ele agiu de forma comparativa – e é isso que

dá significação e validade universal ao Ocidente quando este é comparado a outros racionalismos culturais –, daí, uma certa presunção de superioridade do protestante sobre, por exemplo, nós “outros” ibero-americanos (*nosotros!*), que alguns de seus vários interpretadores e herdeiros, por aqui, equivocadamente pleiteiam é digna de lástima (SOUZA NETO, 2003; 2008).

Por outro lado, e para os nossos propósitos, os trabalhos científicos elaborados pelos pensadores do campo de estudo do Empreendedorismo – pelo menos os vistos até agora –, citam Weber sem aprofundar a questão (quando muito, o colocam como um dos “fundadores” ou “influenciadores” da corrente comportamentalista) e não percebem a dimensão da *ferramenta de análise* criada por ele na medida em que o próprio termo *entrepreneur* “nasceu” em ambiências impregnadas da ética protestante. E por aqui, por exemplo, o termo *Empreendedorismo* foi recentemente dicionarizado no *Aurélio* de 2005. Daí, no geral, adere-se de forma acrítica a um tal “projeto cultural do protestantismo ascético” e entra-se naquela comparação pobre e negativista (SOUZA NETO, 2003; 2008).

Como exemplo emblemático, a repercussão por aqui, na mídia especializada<sup>ii</sup>, sobre os resultados do GEM-2002, *Global Entrepreneurship Monitor*<sup>iii</sup>, (em 2002, 37 países pesquisados, quase 2/3 da população do mundo e algo em torno de 92% do PIB mundial) – Brasil, 1º Lugar em *empreendedorismo por necessidade*, *Necessity-Based Entrepreneurial Activity by Country*, e 16º colocado em *empreendedorismo por oportunidade*, *Opportunity-Based Entrepreneurial Activity by Country* – foi sintomática. É interessante assinalar que até o último levantamento de 2007 o quadro se mantém embora com significativa melhoria no quesito “empreendedorismo por oportunidade”. Entretanto, sempre ocorre um (lamentável!) “constrangimento” generalizado a cada resultado publicado em função das variáveis “necessidade x oportunidade”: realmente somos atrasados!

Assim, a nossa elite *herodianizada*<sup>iv</sup> duvida da nossa capacidade de moldar a realidade de acordo com a nossa própria visão de mundo, com determinação e esforço. Para ela não somos brasileiroamente aptos a um esforço consciente, determinado, lento e cumulativo, tal como em contraste o são os povos desenvolvidos, que tiveram na Reforma Protestante o evento inaugural da modernidade contemporânea, e instaurador de uma concepção de trabalho compatível com a atitude empreendedora. E é nesse contexto que o pensamento social brasileiro, em especial, vai atuar: numa tensão constante entre “o avançado” – *eles* – e “o atrasado” – *nós*. E é isso que vai marcar nossas diferenças (SOUZA NETO, 2003; 2008).

### 3 O PROTESTANTISMO ASCÉTICO, O CATOLICISMO IBÉRICO E O “MUNDO”.

De forma comparativa, lançaremos mão de algumas concepções weberianas a partir do pressuposto de que o catolicismo ibérico e o protestantismo ascético representam, de fato, “tipos ideais” de visões de mundo religiosas contrastantes (WEBER, 2000; 1989). E essa comparação terá como objetivo mostrar como a racionalização da ética protestante, por exemplo, ajudou na configuração de um novo padrão de relações sócio-econômico e cultural naqueles ambientes, enquanto o catolicismo ibérico no Brasil, por exemplo, levava a um outro caminho, diferente (SOUZA NETO, 2003; 2008).

Embora com o devido cuidado para que, ao evocar razões religiosas, essas não sejam mantidas num alto grau de generalidade e assim impossibilitem um diálogo com nossos propósitos; é o próprio Weber que nos socorre ao enveredarmos por tais trilhas. Primeiro ao afirmar que *“o movimento religioso agiu sobre a cultura material”* (1989: 62); depois ao reafirmar seu interesse *“em algo inteiramente diferente: na influência daquelas sanções psicológicas que, originadas da crença religiosa e da prática da vida religiosa, orientavam a conduta e a ela prendiam o indivíduo, eram derivadas das peculiaridades das ideias religiosas”* (WEBER, 1989: 67); e, finalmente, ao concluir que, *“a organização racional da vida econômica, que depende da previsão do futuro, tem, em certo sentido, um paralelo no campo da vida religiosa”* (WEBER, 1989: 97).

A primeira concepção weberiana de que lançaremos mão é a ideia *de salvação* no mundo protestante. Essa ideia foi intensificada com o calvinismo que mostrou como o “chamado” puritano abriu caminho para o compromisso responsável e impessoal. Para o calvinismo, o dogma mais característico é a “doutrina da predestinação”, segundo a qual apenas alguns homens são eleitos para a vida eterna, sem que se possa ter acesso aos motivos que levaram Deus a fazer tal escolha. A totalidade da condução da vida como unidade é o que conta para que se alcance a salvação, e não a soma de ações isoladas.

Em outras palavras, na medida em que foram abolidos os canais de mediação na ética protestante, além do fechamento dos espaços de “compromisso”, o fiel puritano passou a estar, em completa solidão na conquista da graça, sendo o único responsável pela própria *salvação*, restando para ele apenas a “palavra de Deus”. E, esse trágico isolamento individual, criou uma sensação de insegurança insuportável para as necessidades emocionais do homem comum.

No entanto, a questão da dúvida da própria eleição ganha um significado central, propiciando a elaboração da doutrina da “certeza da salvação”. Essa doutrina traz

uma enorme responsabilidade individual para o fiel ao conferir um sentido sagrado ao trabalho intra-mundano interpretando-o como meio para o aumento da glória de Deus na terra, dando ao crente a segurança de que seu comportamento é não apenas “agradável a Deus”, mas, acima de tudo, “fruto direto da ação divina”, possibilitando assim o bem maior, qual seja: a certeza da salvação.

Em contrapartida, “*Os católicos não levaram tão longe quanto os puritanos (e antes deles os judeus) a racionalização do mundo, a eliminação da mágica como meio de salvação*” (Weber, 1988: 81).

Para Weber (1988), o católico “*nasce na igreja*” e a expectativa do recebimento da graça é dada “*para o justo e para o injusto*”. E, essa ideia de salvação trazia uma transferência paternalista para o católico, que não se sente responsável por sua salvação, uma vez que a distribuição da graça é de responsabilidade eclesiástica.

Outra concepção importante explorada por Max Weber (1988), para melhor entendimento da ética puritana, a *ideia de vocação*, ganha, assim, um novo entendimento, na medida em que passa a contar como “sinal de salvação”, mais ainda, como sinal de salvação a partir do *desempenho diferencial*. Sendo então esse desempenho compreendido como atributo da graça divina e um fim em si. E tem-se então uma ascese intra-mundana que direciona toda a força psicológica dos prêmios religiosos para o estímulo do trabalho, segundo critérios de maior desempenho e eficiência possíveis (SOUZA NETO, 2003; 2008);

O objetivo da salvação e o caminho da salvação, então, passam a exercer uma influência recíproca de forma a propiciar uma condução de vida metódica em que essa nova *confiança implícita* torna-se um poderoso incentivo aos pensamentos e comportamentos apropriados. A profissão como vocação, e a dignificação e valorização do trabalho como decorrência, é um fundamento analítico crucial para o entendimento do *ethos* protestante que perpassa toda a conduta do fiel e a consequente inserção do indivíduo “no mundo” ao estabelecer um “novo” código secular de conduta: muito trabalho, honestidade, seriedade, o uso cuidadoso do tempo e do dinheiro (LANDES, 2002).

Duas importantes diferenciações weberianas devem ser aqui apontadas. A primeira é a *ideia de vocação*. Para o protestantismo ela representa um “chamado” que implica o envolvimento do fiel no mundo: sua religiosidade é vivida nas ações intra-mundanas. No catolicismo ibérico a fé afirma um “descolamento do mundo”, virtudes são referidas a um horizonte utópico extramundano. A segunda é a *distinção entre seita e igreja*. Max Weber (2000) observa que, no seu tipo ideal mais puro, a seita rejeita as indulgências eclesiásticas e o carisma oficial. É uma

comunidade que tem o ideal de uma igreja pura, de santos invisíveis, em que o indivíduo tem de ser qualificado para converter-se em membro dela. Há um envolvimento pessoal implícito nesse processo que marca um sistema voluntário “natural”, bem como um processo de pertencimento, que se afirma através de um associativismo horizontal racionalizado, muito importante na afinidade entre religião e política, política e sociedade, sociedade e economia. Além do fato, de grande importância sociológica, de na seita a comunidade ser o “aparato de seleção e credenciamento social” que separa os qualificados dos não-qualificados.

A natureza das seitas, seu caráter privativo e sua pluralidade (as várias denominações), seu sistema voluntário, o pressuposto de igualdade entre seus membros para a perseguição da salvação, a autonomia na relação direta com Deus, a busca de autoaperfeiçoamento na vida diária, todos esses traços fazem com que haja uma efetiva inserção do fiel no mundo. Para o senso comum das seitas protestantes, o esquema de valores que eu uso na *minha* igreja passa a ser o mesmo que devo acionar na *minha* casa, no *meu* trabalho e na *minha* comunidade, ou seja, no *meu* mundo. Essa exigência de “coerência” de valores em ambientes tão distintos implica uma prática social mais uniforme (SOUZA NETO, 2003; 2008).

A vida vivida do católico comum se apoia na franquia cotidiana do dispositivo sacramental da confissão. A possibilidade ao alcance da mão de renovar o percurso mundano pela penitência e o perdão viabiliza uma sociabilidade mais maleável, flexível, plástica. Aqui parece radicar uma aptidão mais disseminada para redesenhar percursos de vida, ir e vir num processo onde infringir normas e obedecer mandamentos parece ser construído numa lógica *fuzzy*, não numa exigência exclusivista do tipo *ou, ou*. A capacidade de viver uma vida aberta às possibilidades renovadas do “se virar” parece encontrar aqui um enraizamento metafísico mais propício que em meio às exigências protestantes de coerência (SOUZA NETO, 2003; 2008).

As concepções weberianas que sumariamos – a ideia *de salvação*, a ideia *de vocação*, a *distinção entre seita e igreja* – nos ajudam a elucidar os contrastes pretendidos e, apontam para a “revolução de consciência” vista por Weber (1988) como a desencadeadora de todas as grandes conquistas do Ocidente, tais como: capitalismo moderno e calculável, mercado competitivo, democracia, Estado racional burocrático, direito racional e formal, imprensa livre, arte moderna, ciência experimental e, acima de tudo, capacidade o indivíduo de criticar a si mesmo e a tradição a qual foi criado (SOUZA, 1999).

Weber (1988) ao colocar essa “revolução” como a desencadeadora de todas as conquistas explicitadas acima, é claro, primeiramente, em afirmar que devemos

*“evidentemente libertar-nos da ideia”* de que é possível *“interpretar a Reforma”* como *“consequência histórica necessária”* de certas mudanças econômicas. E que tampouco devemos aceitar *“uma tese tola e doutrinária”* segundo a qual o espírito do capitalismo moderno e suas decorrências, *“somente teria surgido como consequência de determinadas influências da Reforma”*, ou que o Capitalismo, como sistema econômico, seria um *“produto da Reforma”* (WEBER, 1988: 61). E ele reafirma, de forma conclusiva, que um dos componentes fundamentais não só do espírito do moderno capitalismo, mas de toda a cultura moderna, *“nasceu do espírito da ascese cristã”* (WEBER, 1988: 130).

Visto isso, e para os nossos propósitos, em ambientes onde a vertente ascética do protestantismo, principalmente, foi a parteira desse movimento – e aí, a Inglaterra cujas instituições políticas Weber *“invejava”* (SOUZA, 1999: 29-30), e os Estados Unidos, a *“nação por excelência do protestantismo ascético, onde esse pode desenvolver-se livre de outras influências, quase que como um tipo puro”* (SOUZA, 1999: 32), são lugares privilegiados –, essa *“revolução”* possibilitou (e possibilita), por exemplo, uma sociedade em que seus valores propiciam, por excelência, e de forma *“natural”*, o surgimento do *entrepreneur* enquanto tal. Por outro lado, o *ethos* gerado pelo catolicismo ibérico, principalmente também, resultou diferente ao percorrer um caminho outro. E aí, a imagem do *entrepreneur* que emerge da literatura – as figuras do *“grande homem”*, do *self-made-man* e do *“homem racional”* –, confunde-se com o *ethos* gerado pelo moderno *“espírito”* do capitalismo naqueles locais. E isso não por coincidência, mas sim porque essa é a definição primeira daquele ator social e, como tal, é a definição dominante e a visão predominante.

#### **4 CONCLUSÃO**

O não-reconhecimento de valores positivos em nossa herança ibérica prejudica o exame lúcido dos limites e das possibilidades do desenvolvimento brasileiro, com todas as suas desigualdades, contradições e ambiguidades. Portanto, ao invés de tentarmos soluções e sínteses apressadas, precisamos sim qualificar nosso *atraso*. Torná-lo relativo, determinado, referido à possibilidade de compreendermos o que constitui a modernidade em relação à qual nosso atraso é contraposto. Escolhas implicam perdas e ganhos. Mapear as possíveis perdas e ganhos de nossas escolhas é tarefa prioritária para afirmarmos o que nos é próprio e rejeitarmos o impróprio, uma vez que como nos diz um sábio provérbio popular *“sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão.”*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLABELA, Fernando, *Pedagogia empreendedora*, São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

GEM 2002 – *Executive Report*, disponibilizado no site <www.emkf.org/gem2002>.

LANDES, David, “Quase toda diferença está na cultura”. In: HARRISON, Lawrence E., HUNTINGTON, Samuel P. (Orgs.), *A cultura Importa – os valores que definem o progresso humano*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

SOUZA, Jessé, “A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro”. In: SOUZA, Jessé (Org.). *O malandro e o protestante. a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1999.

SOUZA NETO, Bezamat de. *Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do “virador”*. São Paulo: Editora Edgar Blucher, *Blucher Acadêmico*, 2008.

\_\_\_\_\_. *Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do “virador”*, Tese de D.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_.; BARTHOLO, Roberto; DELAMARO, Maurício César. “Empreendedorismo à brasileira e alguns pontos cegos dos cânones da recepção da obra de Max Weber”. In: SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES; Tomás de Aquino (Orgs.). *Empreendedorismo além do plano de negócio*. São Paulo: Editora Atlas, 2005, pp. 21-41 (capítulo 2).

WEBER, Max, *Economia e sociedade*. Brasília: Editora UNB, 2000.

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais. uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *Globalização e diversidade cultural*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

---

<sup>i</sup> “O termo *ethos* é uma transliteração dos dois vocábulos grego *ethos* (com *eta* inicial) e *ethos* (com *épsilon* inicial). (...) A primeira acepção de *ethos* (com *eta* inicial) designa a morada do homem. O homem habita sobre a terra acolhendo-se ao recesso seguro do *ethos*. Este sentido de lugar de estada permanente e habitual, de um abrigo protetor, constitui a raiz semântica que dá origem à significação do *ethos* como costume, esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação (...). A segunda acepção de *ethos* (com *épsilon* inicial) diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos

---

atos. (...) O *ethos* nesse caso, denota uma constância no agir que se contrapõe ao impulso do desejo (*órexís*). Essa constância do *ethos* como disposição permanente é a manifestação e como que o vinco profundo do *ethos* como costume, seu fortalecimento e o relevo dado às suas peculiaridades. O modo de agir (*trópos*) do indivíduo, expressão da sua personalidade ética, deverá traduzir, finalmente, a articulação entre *ethos* como caráter e o *ethos* como hábito.” In: VAZ, Henrique C. de Lima, *Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura*. São Paulo: Editora Loyola, 1993, pp: 13/14.

<sup>ii</sup> Dentre outras vide: “Brasil lidera criação de empresa por necessidade”, GAZETA MERCANTIL, reportagem de Valmir Denardi, 14/Novembro/2002, Caderno Região Sul, p.1; “Brasileiro torna-se empreendedor por necessidade”, VALOR ECONÔMICO, reportagem de Míriam Karam, 14/Novembro/2002, p. A4.

<sup>iii</sup> pesquisa de âmbito multinacional, anual e de longo prazo, coordenada pelo *Babson College* e a *London School of Business* com amplo apoio do *Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership* ligado à *Ewing Marion Kauffman Foundation*. O levantamento visa principalmente, investigar o intrincado e complexo relacionamento entre empreendedorismo e crescimento econômico. Seus resultados podem ser acessados a partir do site [www.gemconsortium.org](http://www.gemconsortium.org) e, no caso específico do Brasil no site [www.gembrasil.org.br](http://www.gembrasil.org.br).

<sup>iv</sup> de Herodes, “aquele que tinha os pés na Palestina e a cabeça em Roma”. In: BARTHOLO JR., Roberto dos Santos. *A Dor de Fausto*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992, p. 18.